

**Juliana A. Urban**

*Seminario Freudiano Bahía Blanca Escuela de Psicoanálisis*  
ARGENTINA

Amor, ódio, ignorância. As paixões como manifestação do encontro e do desencontro a que estamos constrangidos pela nossa condição de humanos e falantes. E o tema que nos reúne também propõe: “os desafios na direção do tratamento”.

A palavra “desafio” é interessante. Na sua raiz significa retirar a fé ou a confiança, uma forma de questionar o que está estabelecido, mas é também um convite que apela a uma resposta. Que desafios encontraram os nossos mestres de psicanálise? Que desafios eles nos deixaram? Que perguntas nos fazemos hoje e quais são as tentativas de resposta para a vigência do discurso psicanalítico?

Há pouco mais de 90 anos, em julho de 1932, Albert Einstein perguntou a Sigmund Freud numa troca de cartas: “Há algum caminho para evitar que a humanidade sofra os estragos da guerra?”<sup>2</sup> Uma questão que funciona como desafio e que coloca às paixões na trama da dor social em tempos passados que comovem pela sua contundente atualidade as paixões na tessitura das dores sociais de tempos passados que se movem pela sua contundente relevância.

A resposta de Freud liga as paixões “amor” e “ódio” às pulsões –Eros e Thanatos– ao inconsciente. E embora mostre como o ódio e a violência nas suas formas mais radicais não encontram, por enquanto, um canal para a vida, no final introduz a esperança: “(...) tudo o que promove o desenvolvimento da cultura também trabalha contra a guerra.”<sup>3</sup>

A descoberta freudiana, uma verdadeira revolução cultural que se inscreve como uma afronta narcísica, marca – desde os seus primórdios – uma mudança radical que afecta as alegadas liberdades e o conhecimento racional do mundo ocidental até então.

Freud, num movimento inaugural, convidou para falar aquelas mulheres que, devido aos seus sintomas, incomodavam significativamente o discurso médico. A palavra e a escuta estão presentes como fundamento desde os primórdios da psicanálise, e na brecha que a

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Coloquio Internacional *Amor, odio, ignorancia: Desafíos en la dirección de la cura, Convergencia, Movimiento Lacaniano por el Psicoanálisis Freudiano*, 31 maio 2024.

<sup>2</sup> Sigmund Freud. *¿Por qué a guerra? (Einstein y Freud)*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXII, pag 130.

<sup>3</sup> *Ibidem*. pag. 198.

palavra abre, amores e ódios. A transferência foi descrita como “motor e obstáculo” e como meio possível para a experiência analítica.

Jaques Lacan introduz o tema das paixões desde o início de seu ensino, ligando-as ao conceito de transferência e enlaçadas aos três registros: real, simbólico e imaginário. Vai além do par amor-ódio e nos alerta que a ignorância, às vezes negligenciada, é o que possibilita a entrada em uma análise quando o sujeito se compromete com a busca pela verdade.

Pela divisão que constitui o sujeito como evanescência entre significantes, o ser está perdido irremediavelmente e se estabelece como falta-a-ser, trazendo essa carência à luz com seu chamado para receber o complemento do Outro. Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, ele nos diz: “O que é assim dado ao Outro preencher, e que é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser falta, é aquilo a que se chama amor, mas são também o ódio e a ignorância.”<sup>4</sup>

É da insistência que comanda essa busca —onde o apaixonado se delineia como sofrimento— que vem a nossa experiência. Experiência do inconsciente como saber não-sabido que se revela fugazmente e como efeito entre significantes. É esta travessia que nos permite ocupar uma posição única, a partir da qual podemos operar com esse malestar.

E é nesta linha —entre a travessia da análise e a sua prática— que Lacan nos deixa um alerta que bem pode ser lido como um desafio: “É melhor então que renuncie aquele que não consegue unir a subjetividade de seu tempo com seu horizonte.”<sup>5</sup>

A nossa época, em que pretende-se que o humano seja capital, mostra-nos o avanço feroz de um discurso que não faz laço, uma deriva astuta que “anda sobre rodas” e a toda velocidade, tendo estabelecido em seu passo que não existem coisas impossíveis, podemos gozar tudo e sem perdas.

O capitalismo tenta fazer com que as paixões entrem na lógica mercantilista, suspendendo o particular para que entre nos cálculos de custos e ganhos.

O ódio alimenta-se de ideais e pretextos que vão desde o cotidiano até à atrocidade da segregação e do extermínio. O amor se enreda entre algoritmos sob a promessa de um encontro sem falha e com garantia.

---

<sup>4</sup> Jacques Lacan. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. pag 634.

<sup>5</sup> Jacques Lacan. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. pag 321.

O inconsciente procura ser recusado colocando, onde a ignorância poderia abrir uma questão, o imperativo de “conhecer-se”, sem hesitação e sem perda de tempo. Diante do malestar e do sofrimento, todos os tipos de respostas são oferecidos como rótulos que tornam o singular, homogêneo. O mercado exige força e produtividade. Diante deste panorama: O que a psicanálise pode dizer como discurso entre outros? Como responder ao desafio que a subjetividade da época nos coloca na vida quotidiana?

“Intérprete na discórdia das linguagens”<sup>6</sup>, como nos diz Lacan, a psicanálise pode e deve responder a partir de sua ética, que, apesar das mudanças de roupa dos tempos, resta a possibilidade de enfrentar o avanço dos discursos atuais.

Nosso cotidiano nos convoca, ainda, a abrigar o malestar em sua singularidade a partir de uma posição privilegiada: o desejo do analista, um vazio propiciatório para a emergência do sujeito como efeito entre os significantes com os quais cada um delinea seu sofrimento. Não será esta tarefa um desafio ao qual tentamos responder no sentido de cada cura?

Agora, ligados com as mesmas cordas que recebemos, não estamos isentos de nos deixarmos levar pelas paixões. Não só nos nossos consultórios, mas também nas nossas Escolas ou instituições. Não acontece às vezes que amores e ódios, vaidades e outras ninharias atrapalham a tarefa?

Abrir espaço para o desafio será então nos questionarmos novamente, celebrando a oportunidade de virar um pouco o destino estabelecido e direcionar a bússola do desejo para um novo horizonte.

---

<sup>6</sup> *Ibidem.* pág. 309.